

A Relação entre Morte e Desigualdade de Gênero em Guaribas-PI: O Luto Expresso por Mulheres Sertanejas no Facebook¹

Tamires Ferreira COELHO²
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa que teve como objetivo compreender e analisar a exposição e os relatos elaborados por sertanejas piauienses de Guaribas-PI na rede social Facebook. Neste texto, focamos na experiência do luto por três mulheres e de como isso é expresso e atravessado pelo Facebook, enquanto ferramenta de comunicação e espaço de sociabilidade. Partimos de observações de perfis na rede social e de entrevistas presenciais. Constatamos que pensar na elaboração do luto, da perda, na expressão e vivência de momentos difíceis, passa por aspectos técnicos da rede social, mas também por um repertório simbólico que faz parte do dia a dia das periferias e ruralidades onde estão situadas, além de se articular às desigualdades de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Luto; Facebook; Gênero; Mulheres Sertanejas.

Introdução

Este artigo parte de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender e analisar a exposição e os relatos elaborados por sertanejas piauienses na rede social Facebook, identificando possíveis articulações entre o processo de enunciação verbo-imagético e a construção de um devir autonômico. A partir da escrita de si das mulheres que residem em Guaribas, Sudoeste do Piauí, onde foram coletados dados e entrevistas (em 2014, 2015 e 2017), buscamos entender de onde elas falam, além de contextualizar a chegada concomitante de diversos meios de comunicação e como isso as impacta.

A investigação decorre de uma combinação metodológica entre netnografia e teoria fundamentada, a partir de ferramentas como entrevistas semiestruturadas, observações e construção de um diário de campo. Inspirada pela “virada afetiva” (MORICEAU; MENDONÇA, 2016), esta pesquisa parte de sensações, reações, afetações, vivências e alterações que experienciamos.

Neste texto, focamos na experiência do luto por três mulheres guaribanas e de como isso é expresso e atravessado pelo Facebook, enquanto ferramenta de comunicação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com bolsa da CAPES, instituição que financiou a pesquisa que dá origem a este artigo; email: tamiresfcoelho@gmail.com.

e espaço de sociabilidade. Ressalta-se que a rede social digital é muitas vezes usada para expressar seus sentimentos e aquilo que pensam, além de se reenquadrarem imagetivamente por meio de selfies. Embora não tenha sido foco principal da pesquisa, a dimensão do luto e sua apropriação digital foram verificadas com destaque nos relatos e postagens das mulheres que entrevistamos e acompanhamos entre 2014 e 2018.

Breve contextualização sobre o que é ser mulher em Guaribas

Guaribas é “conhecida” por ter sido piloto do Programa Fome Zero³ e, simultaneamente, é desconhecida e pouco abordada em termos de desigualdades de gênero e de tecnologias digitais recém-chegadas, apresentando um contexto diferente (com tradições patriarcais acentuadas e peculiares) do que encontramos em outras cidades piauienses com as quais já tínhamos contato prévio.

Foi relevante pesquisar como as mulheres de uma região com muitas carências quanto ao acesso a meios de comunicação, que tiveram contato recente com a TV e a internet – a partir da expansão da oferta de energia elétrica no Sertão –, se apropriam e escrevem em uma rede social tão popular quanto o *Facebook*. Mais do que isso, consideramos importante conhecer a natureza dessa apropriação e exposição com vistas a perceber como isso se articula a elas, sujeitas de palavra que estão posicionadas em uma ordem discursiva específica, visível e atrelada a estruturas de poder. Elas falam, possuem um pensamento próprio sobre sua condição e um modo de fabulação que as permite negociar com identidades impostas e atribuídas pelo machismo e pela pobreza.

Falamos de um contexto em que as mulheres acumulam todas as responsabilidades ligadas à gestão doméstica: aos filhos, à casa, à provisão de água e ao sustento da família, enquanto grande parte dos maridos não trabalha nem divide as responsabilidades familiares, mas dedica-se com frequência a vícios como jogos de azar e bebida alcoólica. As violências de proximidade contra mulheres, em suas mais diversas faces, são cotidianas, banalizadas e naturalizadas. Agressões contra mulheres são constantemente relativizadas pela sociedade e pelas instituições em nível local, que habitualmente culpabilizam a vítima e retiram a responsabilidade do agressor, evocando o senso comum de que não se pode interferir em “brigas conjugais”, ou até mesmo um

³ Programa criado em 2003, no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para combater a fome nos lugares mais pobres do Brasil e ajudar na garantia do direito a uma alimentação de qualidade no contexto nacional.

discurso religioso⁴ a partir do qual nenhuma mulher pode viver sem um marido e, mesmo sendo um marido ruim, é uma “cruz a ser carregada” para sempre, inclusive após sua morte. Isso não significa que inexistem contradiscursos e resistências que as mulheres criam e circulam diante desse “determinismo” religioso e moral.

Tornar-se viúva em Guaribas é algo muito distante de uma “libertação” de um casamento opressor. As mulheres que perdem seus maridos continuam tendo obrigações em relação às famílias dos falecidos e precisam adotar condutas específicas: guardar luto eterno, usar roupas recatadas e que não chamem atenção (seja pelo tamanho ou pela cor), além de não poderem se relacionar com outros homens publicamente. “As viúva daqui? Já era! Casa não!” (ROSA⁵, 05/01/17). Os rituais não ajudam na superação, mas estimulam, por sua vez, a revivência do luto cotidianamente. Assim, materializa-se o que Silva, Lacerda e Tavares (2016) e Saffioti e Almeida (1995) denunciam: a violência dos homens contra as mulheres não é somente um fenômeno estruturado, mas uma marca estruturante da organização social, e de suas respectivas desigualdades de gênero, na contemporaneidade.

O luto no Facebook: experiências de mulheres sertanejas conectadas

O luto, conforme, Bousso et al. (2014⁶), “é a consequência da experiência de perda que acontece sempre que nossa vida for afetada pelo término de uma relação significativa”, de forma a ser elaborado subjetiva e individualmente.

O luto é uma experiência privada, por ser vivido por cada um de modo singular, e é público porque a tarefa da construção de significado do luto é feita numa relação entre o indivíduo e a cultura. Um indivíduo procura dar sentido à experiência do luto usando modelos que são influenciados pela cultura, pela crença e pelo apoio familiar. O processo pelo qual as pessoas constroem significado ao seu mundo inclui as interações sociais. Quando a perda acontece na vida da pessoa, ela não só pensa nisso, mas fala disso com os outros. Assim, o luto não acontece só dentro da pessoa, mas nas interações pessoais (BOUSSO et al., 2014).

Vale destacar que essa relação entre indivíduo e cultura é perpassada por elementos distintos entre diferentes comunidades e regiões, afetando as interações de forma distinta, ainda que a dor de perder alguém, segundo Bousso et al. (2014), seja “universal”. Considerando-se que “a cultura ocidental contemporânea evidencia pouco espaço e liberdade para se falar sobre o luto no mundo *offline*. Existe um constrangimento

⁴ Vale ressaltar que a grande maioria da população em Guaribas é evangélica.

⁵ Todos os nomes de entrevistadas apresentados neste texto são fictícios e todas as fotos a serem trazidas estão desfocadas.

⁶ Obra sem paginação.

quando o enlutado inicia uma narrativa sobre a sua perda, sendo imediatamente calado pelo contexto” (BOUSSO et al., 2014, grifo dos autores), as redes sociais têm sido apropriadas para compartilhamento de diversas situações de sofrimento, inclusive do luto. As partilhas dessas experiências são também afetivas: interpelam, apelam, convocam, tornando-as “efetivo participante da história” (MARQUES; BIONDI, 2016).

A captura do visível, dos enunciados imagéticos, está relacionada a uma política da estética (MARQUES; BIONDI, 2016). Embora as autoras estejam pensando a vítima enunciada nas redes sociais, podemos compartilhar (ainda que parcialmente) o interesse por “revelar como os dispositivos de visibilidade proporcionados pelas redes sociais e acionados por sujeitos comuns regulam o estatuto político dos corpos” (2016, p.180-181).

A expressão do luto na internet em espaços como as redes sociais e os *blogs* vem sendo observada com grande intensidade e frequência, sendo um desafio compreender como ocorre o advento do luto *online*, do luto interativo ou do compartilhamento do luto na internet. [...] Uma importante característica da conexão virtual nas questões que envolvem o luto é a concomitante, dinâmica e incoercível lógica do tempo em que as manifestações são compartilhadas, associadas à abrangência de pessoas que são “envolvidas” no evento da morte. As reações frente a essa dinâmica são diversas e envolvem tanto um aspecto social, espontâneo e convencional, manifestado por meio de frases, imagens ou vídeos, quanto um aspecto pessoal e subjetivo que não é passível de ser compartilhado ou controlado. Esse último contempla tanto a reação frente à notícia ou causa da morte, quanto o contato com comentários e expressões arbitrárias e plurais de outros usuários (BOUSSO et al., 2014, grifos dos autores).

Assim, a tecnologia pode diminuir a solidão da pessoa enlutada, tendo sua situação reconhecida (BOUSSO et al., 2014). Não entramos aqui no mérito da gestão de perfis de pessoas falecidas nas redes sociais, embora este também seja um tema relevante. Fazemos de antemão uma relação entre a dimensão coletiva da experiência do luto em Guaribas e a expressão desse momento nas redes: se, “ao mesmo tempo em que legitima o luto e o enlutado, para algumas pessoas expressá-lo em um ambiente público virtual, também pode representar a banalização de particularidades da morte” (BOUSSO et al., 2014), isso não parece ser um problema nem subestima os sentimentos do luto nesta região piauiense.

Uma nova forma de luto é viabilizada pela tecnologia que se manifesta *online* com características tão diversas e subjetivas quanto ocorre no mundo *offline*, exigindo também os mesmos cuidados. Isso porque a questão do luto envolve indivíduos vulneráveis e que vivenciam emoções intensas. O ciberespaço criou recursos que permitem ao enlutado expressar-se de diversas maneiras, mas que ao mesmo tempo provoca diversos sentimentos intensos e imprevisíveis que são experimentados ao extremo, tais como tristeza, mágoa, arrependimento, raiva e alegria. (BOUSSO et al., 2014, grifos dos autores).

Em 2018, Fábria tinha 36 anos, era beneficiária do Bolsa Família, mãe de três filhos e separada. Casou-se ainda adolescente (prática comum na região), aos 16 anos, e

terminou o ensino médio após o rompimento com o ex-marido. Defensora do cuidado em usar roupas “adequadas” nas fotos de redes sociais, sua concepção de adequação se vincula aos valores religiosos, uma dimensão de decência e moralidade que parte de regras estabelecidas pela igreja evangélica da qual é adepta.

Na entrevista concedida em janeiro de 2017, seus relatos sobre a conveniência em torno das vestimentas estavam bastante ligados à dimensão cultural da experiência do luto na cidade e que permeavam as práticas vivenciadas após o falecimento da mãe. A roupa “comportada”, que não mostra, por exemplo, um ângulo privilegiado do colo, para não chamar atenção das pessoas, é uma preocupação que já existia, mas ganha uma importância maior no período de luto. Além disso, ela afirma que a própria vontade de expor autorretratos diminuiu diante da dor que sentia. “Mas, depois que a minha mãe morreu, não sei se cê percebeu, depois que a minha mãe morreu, eu tenho colocado mais da minha filha. Eu não tenho colocado foto minha, eu tenho evitado. Porque pra mim, a alegria... [faz menção ao fim da alegria]” (FÁBIA, 06/01/17).

A conveniência da roupa mencionada por Fábria é também associada à baixa autoestima de muitas mulheres. Ela, que afirmou à época nunca ter usado maquiagem, não se considerava feia, mas também não se achava bonita nem atraente, por não atender ao estereótipo restrito de beleza que circula nos meios de comunicação: ela não é branca, não tem olhos claros, nem um corpo extremamente magro como o de muitas famosas.

O luto, após a morte de sua mãe, foi emblemático para nossa entrevistada, não apenas presencialmente, ao lidar com a ausência física dela, mas também em termos de uma escrita na rede, de uma exposição de sentimentos e de partilha de um momento triste importante. Isso interferiu também no cuidado de si, na sua relação com a casa onde morava, já que, conforme relatou, abandonou sua cama e mudou-se para o quarto da mãe após sua morte. “Foi muito difícil. Primeiro: eu morava com ela, tudo na mesma casa. Não tá sendo fácil pra mim. Tu acha que eu ficava assim desse jeito assim que eu tô hoje? Desleixada? Pra mim foi uma perda. Eu não tenho mais vontade não [de tirar foto]” (FÁBIA, 06/01/17).

Figuras 1 e 2 – Compartilhamento de uma foto do aniversário de 80 anos da mãe para lembrar de seu falecimento, um mês depois; Reprodução de uma foto da mãe, mais jovem, publicada no livro do Projeto Sesc Ler, para homenageá-la após sua morte



Fonte: Captura de tela do Facebook

Antes de a mãe falecer, ela se cuidava mais: “Antes da minha mãe falecer, eu gostava sempre de ir pra igreja, pranchar meu cabelo, andava com cabelo arrumado... Hoje não. Se Deus quiser ainda, Ele vai me dar novas alegria, entendeu? Mas, assim... Agora, às vezes eu boto o rabo de cavalo [penteados], eu evito” (FÁBIA, 06/01/17).

“Ela adoeceu... com três meses... Mas aí a última vez, ela passou na segunda-feira, ela passou super bem, só que ela passou o dia deitada. E na segunda-feira eu trabalhava numa casa de família⁷. Quando eu cheguei meio dia, senti com ela, que era meu horário meio dia. Eu senti com ela e ela começou a me alisar. Só que eu não sabia que ela tava se despedindo de mim. E quando eu saí pra escola ela chamou meu nome. Quando eu cheguei, ela me chamou de novo. E quando eu fui deitar ela me chamou de novo. E eu botei ela na cama, deitei ela, beijei ela e quando foi na segunda-feira mesmo, quando foi 3h da manhã, ela caiu já praticamente morta. Passou o quê? Na segunda-feira... na terça-feira ela morreu 1h da tarde.” (FÁBIA, 06/01/17).

⁷ Estava trabalhando na casa da nutricionista da cidade, que foi embora, deixando Fábiana novamente sem trabalho.

Após a morte da mãe, foram cerca de 2 meses postando com menos frequência e, dentre as poucas imagens, apenas fotos com a mãe e de seus filhos. Além disso, o processo de luto foi destacado em muitas postagens posteriores.

Figura 3 – Post sobre o aniversário de 1 ano de falecimento de sua mãe, após constante lembrança do luto em postagens na rede social



Fonte: Captura de tela do Facebook

Foi também uma época em que encontrou conforto nas palavras dos amigos da rede social, que, segundo ela, entenderam o que estava sentindo naquele momento difícil:

“Cada pessoa, cada amigo ali que compartilhou, que curtiu, que comentou, eu acredito que já tenha passado pela dor que eu já passei. E nós somos seres humanos, e se for se colocar no lugar do outro... com certeza as pessoas que comentaram ali, compartilharam, é porque também sente a dor, a perda... Praticamente... minha mãe era

parteira, e minha mãe era quem pegava as criança. Ela foi quem pegou os neto dela, da única filha que não pegou foi dos meu. Porque os meu todos foram cesariana, eu não tive normal nenhum. E a maioria desses guaribano que você hoje fala, que você entrevista, veio ao mundo através de Deus e de minha mãe. Minha mãe era uma pessoa muito querida. Minha mãe, tudo dela, ela não sabia ver um vizinho dela passar por necessidade pra ela não ajudar. Se ela não fosse dar uma palavra de conforto, também uma palavra de derrota ela não ia dar. E se ela vesse uma confusão, assim, por exemplo, no mei de outra pessoa, ela nem encostava e nem deixava nós, como filho, encostar. Minha mãe, pra mim, acredito que pra mim e pros meus outros irmãos, foi um exemplo de mãe, até porque que ela foi minha mãe e meu pai ao mesmo tempo. Quando eu nasci, três meses de nascida, Deus levou meu pai. Eu não conheci pai, então ela foi quem foi meu pai e a minha mãe. Ela foi tudo pra mim. Sabe o que significa tudo? Ela era tudo. Hoje o que eu sou eu agradeço a ela. Ela morreu com 86 anos.” (FÁBIA, 06/01/17, grifos nossos).

Muitos momentos da entrevista concedida em janeiro de 2017, como no excerto acima, tinham referências de sua mãe perpassando suas impressões sobre a rede social, de forma que o Facebook também ajudou a registrar tanto o luto quanto o reconhecimento que tem por sua mãe, a partir de postagens periódicas sobre o quanto sentia sua falta, sobre quanto tempo fazia desde a perda, na tentativa de se reconfortar com as palavras de amigos, mas também de escrever sobre uma mulher que faz parte da história da cidade, e que, por ser mulher e camponesa, talvez fosse mais facilmente esquecida caso não contasse com essa lembrança frequente das filhas em seus relatos digitais e presenciais.

Também foram relatados, em janeiro de 2017, elementos que nos falam de uma espécie de respeito às normas tácitas que acompanham o ritual do luto guaribano, uma vez que ela postou menos no Facebook, colocou menos fotos, ficou mais introspectiva. Inclusive, isso ajudou a fazer com que chamasse atenção no dia em que simplesmente soltou o cabelo:

“Depois que a minha mãe morreu, eu me lembro só de duas fotos que eu coloquei: foi uma da minha filha e uma que eu coloquei recente, agora, depois da virada do ano, que eu coloquei com meus dois filhos. Aí eu coloquei, só foi as únicas fotos. Assim... Nesse dia mesmo, que eu saí, eu tava com o cabelo solto, aí uma irmã falou assim: ‘Nossa, você tá top com essa roupa sua, você tá muito elegante.’” (FÁBIA, 06/01/17).

Simultaneamente, ainda que estivesse atravessada pela dor da perda ainda recente, a entrevista de 2017 e as postagens no Facebook mostraram uma mulher que não desistiu de seus sonhos. Essa característica, de continuar lutando por dias melhores, tentando ultrapassar a expectativa existente para uma mulher com o perfil dela em Guaribas, é algo marcante nos posts e nas entrevistas concedidas por Fábria, que ainda pretendia continuar estudando: “Tô pretendendo fazer faculdade, só que a faculdade que eu queria fazer, aqui

tá difícil: Técnico de Enfermagem. Se tiver, eu vou fazer sim! Se o Senhor me permitir e eu for viva, eu irei fazer sim! Eu acredito que eu vou conseguir.” (FÁBIA, 06/01/17).

Flor, em 2018, tinha 35 anos, era mãe de um casal de filhos, casada, tinha o ensino médio completo e morou mais de 10 anos em Guaribas, até 2016. De forma semelhante a Fábria, há uma tentativa de ser compreendida, por achar que as pessoas conseguem entender como ela está a partir das postagens na rede social, por ser um espaço em que pode falar coisas que não poderia pessoalmente, podendo “aliviar” sentimentos. Flor foi mais uma de nossas entrevistadas que falou da possibilidade de expressão da dor, do luto na rede social (FLOR, 23/04/15):

“Um momento assim ruim, num foi bom não, que eu postei, que eu tive bastante acesso... bastante curtida não, comentário... foi na morte do meu sobrinho. Foi palavra de... me colocando assim, aumentando mais minha autoestima... comentário de conforto, mais foi isso daí. E até porque que a maioria... porque como ele não morava aqui, a maioria não sabia, e é diante das redes sociais que muitos sabem”.

A partir deste e de outros relatos, percebemos que a rede social se configura não apenas como válvula de escape e busca de conforto, mas também como espaço importante para divulgação da morte enquanto acontecimento junto a amigos e familiares, o que também possibilita o apoio presencial posteriormente.

Ao falarmos da expressão do luto, talvez a entrevistada mais emblemática seja Cláudia, viúva que, em 2018, tinha 47 anos, trabalhava no Sindicato Rural e vendia roupas e perfumaria em uma lojinha. Residente há 10 anos em Guaribas, a perda do marido direcionou muitas de suas falas durante nossa conversa em 2017.

“hoje, eu me sinto uma pessoa... eu era bastante alegre, extrovertida, falante..., mas, como eu te falei... com a perda, eu me reservei. Hoje eu sou uma pessoa mais reservada, mais em casa, mais calada, mais pra ouvir do que pra falar. Até porque hoje, porque a mulher também, quando ela perde o marido, no meio da sociedade, se a gente não se valorizar, se torna uma presa fácil, né?! Porque a gente até hoje, assim... Uma presa fácil, porque a mulher até hoje, a gente é discriminada... por tudo! É no meio de trabalho, é tudo!” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Figura 4 – Foto de capa e foto de perfil temporária de Cláudia em 2016



Fonte: Captura de tela do Facebook

Ela tinha Facebook desde 2013 e aderiu ao Instagram em 2016, redes sociais que usa também como ferramentas de trabalho e de divulgação de obras sociais da igreja a que pertence em Guaribas, onde seu marido passou os últimos anos de vida como pastor. À época da entrevista, estava com uma filha e uma neta passando uma temporada em sua casa, narrava sua história pessoalmente e escrevia nas redes sociais muito atravessada pelo luto após a morte do marido em 2016. Segundo Cláudia, (07/01/17):

“De alegria, só as minhas filhas, que tão casadas, graças a Deus, com meus netinhos... e de tristeza... ainda tá recente, que foi a perda do meu marido, né? Que agora fez dois meses. É muito difícil a gente lidar com essa situação, que geralmente a gente espera ficar velhinhos, né? Morrer de velhice. Mas a pessoa nova, é muito complicado, você tá na flor da idade, 47 anos, nunca ter nada, nunca sentir nem uma dor de cabeça e de repente... é meio esquisito. É uma surpresa até hoje aqui pra sociedade de Guaribas. Tem muitas pessoas que perguntam ‘De que foi?’ Ele não sentia nada. Foi de repente.”

Ressaltamos que o Facebook também ajuda a lembrar e interfere nesse processo de lidar com o luto, uma vez que muitas memórias que surgem na linha do tempo remetem a uma vida de casada que ela já não tem mais.

Figura 5 -Lembranças do Facebook de fotos postadas com o marido



Fonte: Captura de tela do Facebook

Essa adequação comportamental que Cláudia passou a adotar após a viuvez, citada em um dos excertos da entrevista supracitado sobre estar “mais reservada”, é relativa, uma vez que ela não se adequa à tradição local de anulação da mulher em prol da memória do marido falecido, o que também não a impede de mudar certos modos de se portar (sobretudo mais extrovertidos), seja por conta do período de luto, seja por uma

necessidade de firmar-se perante a sociedade como cidadã, o que é mais fácil com um marido ao lado: “[...] meu esposo dizia sempre que mulher, pra ser respeitada, ela tem que ter um marido, né? Você... você já tem seu marido [se referindo à pesquisadora]” (CLÁUDIA, 07/01/17), reconhecendo as vulnerabilidades específicas da viuvez.

Embora ainda muito abalada ao falar do ocorrido e das condições de perda do companheiro de muitos anos, ela não deixa de expressar seus sonhos, modificados também conforme a nova condição de vida. Ser viúva, no entanto, é algo muito complicado no contexto guaribano, como já mencionamos anteriormente, e não seria diferente para Cláudia, ainda que ela não tenha vivido sempre ali. Ela explica que a mulher é socialmente vinculada ao marido, como era comum se referir a ela como “A Cláudia, esposa do pastor Fulano!”. “Aí hoje, por ser viúva, né, e por muitas vezes, sabe, dizerem que você ainda é nova... Aí a gente tem que se resguardar de muitas coisas, se policiar, tu tá entendendo? Pra você manter a sua postura de viúva” (CLÁUDIA, 07/01/17). Ao questionarmos o que seria exatamente essa postura, ela pontua:

“A postura hoje, falando aqui de Guaribas, é você não estar no meio de muitas pessoas que não convêm, né? A gente tem que se resguardar de muitas coisas, não dar ouvidos a muitas coisas, tu tá entendendo? Porque aí você vai passando, aí tem aquele, né: ‘Ah, tá novinha, tá boa então’. Tem muitas conquistazinhas indevidas, indiscretas, piadinhas, comentários... Então, hoje, a mulher, ela tem que se valorizar!” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Embora fale muito de uma autovalorização, que passa pela autoestima, pelo cuidado de si, esse processo também envolve uma estigmatização do que significa se valorizar e uma restrição tanto das possibilidades de ação, quanto de mulheres que não se enquadram na norma. Assim, há muitas vezes embutido no discurso de muitas mulheres uma culpabilização das mulheres por algo que deveria ser imputado ao olhar masculino, não ao modo de ser da mulher.

“O que muitas pessoas hoje, que eu acho assim, as mulheres, que se eu pudesse mandar uma ordem, assim, das mulheres, muitas das vezes, elas não se dão ao respeito! Aí por fulana não se dar respeito, aí a pessoa já pode, o homem pode pensar que aí eu já, por andar com aquela pessoa, eu sou do mesmo jeito daquela pessoa! Aí hoje eu ando só. Eu me resguardo. Eu fico mais só em casa, é do meu trabalho pra minha casa, aí a igreja é até na frente, aí fica até mais próximo. Só isso. Minha rotina é essa: trabalho, casa, igreja; trabalho, casa, igreja.” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Claudia também enfatiza que, antes do falecimento do marido, a vida não era assim e a rotina era muito mais interessante:

“Antes não... aí eu andava, a gente viajava... até mesmo porque a gente, como tem o evento do sindicato, a gente tem muitas palestras, sempre a gente vai pra Brasília, vai pra Teresina... Os encontro... Isso ainda permaneço indo, entendeu? Porque é fora daqui. Né? A gente tem o trabalho a seguir. Mas hoje a gente tem que ficar mais... a mulher

sozinha, ela é um alvo muito fácil. Então eu fico observando muitas vezes, assim, porque às vezes nem tudo que parece é, num tem o ditado?! Então é melhor a gente abrir bem os olhos” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Ela explicou que tinha estado muito desconfiada à época, sobretudo dentro de uma configuração social com a qual não concordava. Isso passa pelos comentários ofensivos e invasivos que passou a receber: “Eu acho, assim... toda cidade tem, mas eu falo daqui porque eu convivo aqui, né, já há nove anos. A gente já sabe quem é quem...” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Figura 6- Compartilhamentos sobre sofrimento e críticas a quem agride com palavras



Fonte: Captura de tela do Facebook

A comerciante também enfatiza que encontrou no Facebook um lugar de conforto e apoio:

“Recebo tanta mensagem boa... ainda mais esses dias, né? Por causa do meu esposo. Aí muitas pessoas mandam apoio. ‘Vai dar certo, varoa!’. ‘Deus tá contigo’. É muito interessante. Ajudou. Porque embora teje longe, né, mas é uma mensagem de apoio, né? Conforta o coração você saber que a pessoa do outro lado tá se preocupando com você, tá te apoiando... embora longe, né?! Eu gosto. [...] É bom demais. Eu prefiro, porque como eu me resguardo muito, então é muito interessante. Daqui mesmo eu tenho poucas pessoas... é mais amigos mesmo. Lá de Paulistana mesmo, eu tenho a maioria do povo, a gente ainda troca mensagem ‘Ah, quanto tempo, venha nos ver!’. Pessoal de Teresina... é mais assim. Eles lá, o povo de São Paulo, minha família...” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Figura 7 – Postagens sobre falecimento do esposo e lembrança de 1 ano de falecimento



Fonte: Captura de tela do Facebook

A conversa com Cláudia, permeada pelas demandas de atenção que a neta impunha à avó na sala de casa, nos mostrou uma viúva que tentava seguir em frente, que era simpática e sorridente, mesmo com os percalços que estava enfrentando. Durante a entrevista, ela mostrou a foto do marido no celular e nos disse que já se arrumava antes, andava muito cheirosa, o que continua fazendo até hoje, mesmo depois da morte dele:

“Eu continuo [me arrumando]. Já é da minha índole, já. Mamãe diz que eu já era diferente. Quando era assim [apontando para a neta pequena na sala], nunca gostei de andar só de calcinha. Cada pessoa tem uma personalidade? A minha é essa: andar arrumada, cheirosa... é meu jeito. Aqui todas já conhece. Até havaianas, eu só uso aqui dentro de casa, o chinelinho. É difícil alguém ver, só vejo com sapato e pra sair, só é salto alto. Eu não gosto... as rasteirinha, sapatinho, só no dia a dia. Aí quando é os evento, é salto!” (CLÁUDIA, 07/01/17).

Dessa forma, o Facebook não interferiu substancialmente no fato de se arrumar mais, ou de preocupar-se com a aparência frente às pessoas com quem interage, porque ela já se preocupava bastante com a própria imagem. Essa aparência, esse cartão postal de si, também constitui o ser mulher, na visão dela: “Ser mulher, pra mim né? Ser mulher é ser bonita, é se amar, se valorizar, é todo dia olhar no espelho e dizer ‘Bom dia, linda!’ [risos]. O povo é que sorri, que eu sou assim, sabe? Porque assim, acima de tudo a gente

tem que se gostar, tu tá entendendo?” (CLÁUDIA, 07/01/17). Essa postura gerou estranhamento na cidade, sobretudo quanto à manutenção destes cuidados no período de viuvez, algo incomum entre as mulheres, o que também parecia se vincular às críticas ou comentários inconvenientes que recebia. Dessa forma, Cláudia possibilitou uma nova referência de experiência do luto para as mulheres com quem convivia.

Considerações Finais

Divorciar-se no Sertão é, para uma mulher, desafiar tradições religiosas e de convivência social, assim como assumir a condição de viúva sem uma reclusão compulsória. Há uma exclusão sistemática em torno de da mulher divorciada (nos círculos sociais e no mercado de trabalho que já é bastante precário), ainda que o marido a tivesse maltratado ou abandonado anteriormente, assim como também é alvo de exclusão e de diversas restrições a mulher viúva.

Pensar na elaboração do luto, da perda, na expressão e vivência de momentos difíceis, passa por aspectos técnicos da rede social, mas também por um repertório simbólico que faz parte do dia a dia das periferias e ruralidades onde estão situadas. Ao mesmo tempo, nos marcaram também relatos voltados a um ideal de felicidade próximo do que Xinran (2003) descreve ao contar nas histórias das “boas mulheres da China”, de forma que onde a pesquisadora menos esperava encontrar relatos de felicidade, diante de tantas precariedades e vulnerabilidades, o “ser feliz” emerge nessa elaboração e escrita de si; vão muito além dos seus discursos, porque suas vidas são muito maiores.

Experiências nos transformam, afetam nossas narrativas e formas de lidar com o cotidiano. No entanto, as experiências do luto talvez estejam dentre as mais marcantes nesse sentido, pois nos colocam frente ao desconhecido e às limitações de sermos humanos, finitos, sem controle total sobre a vida. Relatar e refletir sobre isso é essencial, embora nem sempre seja considerado adequado em alguns ambientes sociais. As redes sociais, ainda que não sejam desvinculadas de mecanismos de controle e poder, se configuram como importantes espaços de expressão e de reelaboração discursiva (verbo-imagética) de si, o que inclui a vivência do luto e de muitos outros sentimentos e situações.

O Facebook se torna para as mulheres de Guaribas uma ferramenta de expressão e de visibilidade de seus afetos, do que pensam, de suas demandas e posições diante da sociedade patriarcal em que vivem. O luto se articula, digitalmente, ao planejamento de postagens, de homenagens, de exposição da dor a partir de um enquadramento discursivo

“conveniente” em meio a tantas inconveniências e violências impostas à mulher, diante de toda uma gramática de como se portar, mesmo diante de uma experiência única e subjetiva, de conformações conservadoras que anulam as singularidades de cada uma. No entanto, é a mesma plataforma que também rememora constantemente a situação de luto, a partir das lembranças e sugestões de compartilhamentos de postagens passadas com muitas curtidas e/ou comentários, que nem sempre são relativos a situações alegres ou que podem ser ressignificados após a morte de alguém, e isso pode fortalecer, no contexto guaribano, a suposta necessidade de experiência estendida do luto (sobretudo às mulheres), de sofrimento que se alastra e predomina sobre o fato de que, apesar de haver dor, existem vidas em curso que merecem continuar sendo vividas e consideradas cidadãs.

A tecnologia, portanto, é agente no processo de (res)significação da morte e do luto relatado nas redes sociais, seja dando vazão à solidão da pessoa enlutada, seja proporcionando lembranças nada convenientes. O desafio de gramáticas pré-estabelecidas nas redes, através das apropriações e escritas das mulheres sertanejas que compõem esta pesquisa, gera dissenso e desestabiliza um sistema que teima em apagar as mulheres que falecem, as viúvas que insistem em levar uma vida “vivível” adiante, as que não silenciam a dor de perder um ente querido.

REFERÊNCIAS

- BOUSSO, Regina Szylit et al. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. *ComCiência*, n. 163, 2014. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=e&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: jun. 2019.
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; BIONDI, Angie. A vítima enunciada em redes: o dissenso como experiência estética. In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge. (orgs.). **Comunicação e Sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016, pp. 161-182.
- MORICEAU, Jean-Luc; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Afetos e experiência estética: uma abordagem possível. In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge. (orgs.). **Comunicação e Sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016, pp. 79-98.
- SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- SILVA, Ermildes; LACERDA, Simone; TAVARES, Márcia. A Lei Maria da Penha e sua aplicação nas DEAMs de Salvador: reflexões sobre o que pensam e dizem as mulheres em situação de violência. In: SARDENBERG, Cecília; TAVARES, Márcia. **Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento**. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 187-204.
- XINRAN. **As boas mulheres da China: vozes ocultas**. Companhia das Letras, 2003.